

A crônica como um dos gêneros precursores da interculturalidade

Manoela da Silva Rodrigues

Resumo



A Crônica é um gênero da literatura que nos permite fixar um momento vivido pelo autor, e este momento pode ou não ser ficcional, como é o caso das crônicas de Milton Hatoum, autor amazonense contemporâneo, traz no seu último livro, *Um Solitário à Espreita*, publicado em 2013, um volume de noventa e seis amostras de suas obras de crônicas, publicadas em jornais e revistas nos últimos dez anos, dividido em quatro seções, das quais dão conta de temas como literatura, realidade, memória e infância. Expondo, como sua marca registrada, suas opiniões e seu olhar diante do mundo. Suas crônicas nos levam a conhecer uma regionalidade bem diferente da atual e refletir sobre nosso cotidiano, propondo com isto a introspecção como forma de rever os momentos históricos, sociais, culturais, momentos que hoje se fazem presentes em nosso dia a dia de forma tão despercebida. Isto é a crônica, gênero literário que tem como finalidade registrar, por meio da escrita, fatos, história ou episódios, reflexões de um momento. Nesta oportunidade analisaremos a crônica como um dos gêneros precursores da interculturalidade e algumas das crônicas de Milton Hatoum de *Um Solitário à Espreita*.

Palavras-chave: Crônica; Interculturalidade; Milton Hatoum.

Resumen

La crónica es un género de la literatura que nos permite establecer un tiempo vivido por el autor, y este momento puede o no puede ser ficcional, como por ejemplo del escritor contemporáneo amazonense Milton Hatoum, que reúne en su último libro - *Um Solitário à Espreita* - publicado en 2013 un volumen de noventa y seis muestras de sus trabajos de crónicas publicadas en periódicos y revistas en los últimos diez años dividido en cuatro secciones, de las cuales dan cuenta temas como la literatura, la realidad, la memoria y la infancia. Las crónicas de Hatoum, como característica, expone sus puntos de vista y su mirada sobre el mundo, nos llevan a conocer a una regionalidad muy diferente del actual y reflexionar sobre nuestra vida cotidiana, proponiendo con esta idea como una forma de revisar momentos históricos, sociales, culturales, que hoy pasan por nuestra vida en orden tan desapercibida. Esta es la crónica, género literario que pretende registrar, a través de la escritura, los hechos, la historia o episodios, reflexiones de un tiempo. En esta oportunidad analizamos

algumas la crónica como uno de los géneros precursores de la interculturalidad y algunas de las crónicas de Milton Hatoum de *Um Solitário à Espreita*.

Palabras-clave: Crónica; Interculturalidad; Milton Hatoum.

1. Introdução

Milton Hatoum, autor amazonense nascido na cidade de Manaus em 1952, escritor e um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, ensinou literatura nas universidades do Amazonas e da Califórnia, em Berkeley. Traz no seu último livro, *um solitário à espreita*, publicado em 2013, um volume de noventa e seis amostras de suas obras de crônicas, a maioria publicada em jornais e revistas nos últimos dez anos, dividido em quatro seções, das quais dão conta de temas como literatura, realidade, a memória e os afetos e pequenas fabulações em formas de crônicas. Expondo, como sua marca registrada, suas opiniões e seu olhar diante do mundo. Suas crônicas nos levam a conhecer uma regionalidade bem diferente da atual e refletir sobre nosso cotidiano, propondo com isto a introspecção como forma de rever os momentos históricos, sociais, culturais, momentos que hoje se fazem presentes em nosso dia a dia de forma tão despercebida. Destacam o regionalismo amazônico de acordo com as raízes do autor.

Hatoum escreveu diversas obras, entre contos, romances, crônicas, poesias, críticas, traduções, além de obras infanto-juvenis; teve seu trabalho reconhecido por diversas premiações na área literária, dentre elas destacam-se:

- Prêmio Jabuti 1990, categoria Romance. Livro: *Relato de Um Certo Oriente* (1989).
- Prêmio Jabuti 2001, categoria Romance. Livro: *Dois Irmãos* (2000).
- Prêmio APCA 2005, categoria Grande Prêmio da Crítica. Livro: *Cinzas do Norte* (2005).
- Prêmio Bravo 2006, categoria (finalista). Livro: *Cinzas do Norte* (2005).
- Prêmio Jabuti 2006, categoria Romance (1º. lugar). Livro: *Cinzas do Norte* (2005).

- Prêmio Jabuti 2006, categoria Livro do Ano - Ficção. Livro: Cinzas do Norte (2005).
- Prêmio Portugal Telecom 2006, categoria (finalista). Livro: Cinzas do Norte (2005).

Além de parcerias como a que fez com o escritor e filósofo Benedito Nunes no livro "Crônicas de duas cidades".

871

O autor declara sempre sua paixão pela leitura, sua terra natal, que sempre desponta como cenário para algumas de suas obras, como podemos perceber neste trecho de uma conversa, mediada pelo diretor teatral Flávio Stein, para a última edição do projeto "Um Escritor na Biblioteca" em 2011:

"Também foi importante a biblioteca do meu colégio público, onde cursei o ginásio, o Colégio Estadual do Amazonas, antigo Ginásio Amazonense Pedro II. Havia também uma pequena biblioteca na minha casa, notadamente, a coleção de Machado de Assis, o Tesouro da juventude e a Barsa, que foram importantes nessa minha primeira juventude vivida em Manaus, antes do meu autoexílio, que durou mais de 15 anos." (HATOUM, 2011).

Primeiramente veremos uma breve retomada do que é o gênero crônica e de que forma ela se apresenta na atualidade, em seguida tomaremos o livro *Um solitário à espreita* como exemplo dessa atualidade e interculturalidade.

A obra *Um solitário à espreita*, traz para a forma da crônica, este gênero tradicionalmente praticado por alguns dos grandes autores brasileiros, a maneira de ver o mundo e as conclusões de Milton Hatoum. A literatura futuramente, o período conturbado na época do regime militar, a realidade do cotidiano das grandes cidades, espreitada e tão crítica - típica do autor - deixando o leitor viajar no tempo. Dividido em quatro seções das quais dão conta de temas como literatura, realidade, memória e afetos.

2. A Crônica

A palavra crônica vem do grego radical *chrono*, que se define como tempo, segundo o dicionário "compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo", realmente, o papel da crônica é de relatar fatos.

Se não levar ao pé da letra, que é esta definição, a crônica vai muito além de contar algo, envolve a princípio a imprensa (jornal e revistas), hoje outros meios de comunicação como a internet, a televisão e o rádio, e de forma mais “eterna” o livro, o escritor com seu olhar crítico, sensível e autêntico, por fim o leitor, que a interpreta de acordo como o autor a apresenta ou de forma também crítica e autêntica, ponderando os fatos.

872

A crônica está entrelaçada aos meios de comunicação nacional, justamente pelo poder da imprensa, no Brasil este gênero tomou caracteres próprios, geralmente sugestivo e reflexivo isto a diferenciou de outros países, cuja finalidade era apenas de informar.

As crônicas de Hatoum não são diferentes, deixam os leitores cheios de expectativas. Sendo isto proposital do autor, ele próprio afirma “não poucas vezes o gênero literário depende da expectativa do leitor.” (HATOUM, 2013, p.8) Melhor seria reconhecer que “sempre depende”. Ao ser questionado por Mariana Marinho em uma entrevista para a Revista CULT se suas crônicas relatam a realidade ele diz:

“Em qualquer texto ficcional a verdade é aquilo que poderia ter acontecido e não exatamente o que foi. Ando muito [...] e por onde vou eu observo muito. Vamos dizer que essa crônica reflete um pouco dessas observações. Os diálogos são consequência de coisas que ouvi aqui e ali e que juntei e dei uma forma pessoal e literária. A crônica não é estritamente verdadeira no sentido de que não aconteceu exatamente assim. Aconteceu assim na minha cabeça.” (CULT, 2013).

Nesta mesma entrevista Hatoum define o que é a crônica:

“A crônica é uma breve visão da realidade elaborada pela literatura. Pela mão de um escritor. É quase como uma breve aparição. É uma espécie de poesia do cotidiano. É o momento lírico do cotidiano. Mas nesse momento lírico cabe tudo. Cabe a política, cabe a sua visão sobre as coisas, sobre o tempo. A crônica tem mais força quando transcende o tempo presente, se transformando numa janela aberta para outros voos e outras viagens.” (CULT, 2013).

Para Joaquim Ferreira dos Santos, um dos craques do gênero, a crônica é a fusão dos gêneros:

“Misturar as artes do espírito sensível com os fatos da atualidade, mesmo que seja aquela realidade passando embaixo apenas de sua

janela. Bate-se no liquidificador das referências pessoais, e serve-se ao leitor tentando ampliar o sentido daquela banalidade.” (2007, p. 22).

Nota-se então que a crônica toma a dimensão de acordo com o que o escritor quer que tome, basta que se tenha sensibilidade com a realidade. De acordo com Lopez:

873

“A crônica sempre nasce de um fato real, seja ele de um acontecimento de âmbito social, de qualquer alcance, seja de âmbito individual, como, por exemplo, a descoberta que um cronista faz, em um dia determinado, que ao cair da chuva lhe restitui emoções ou lembranças de situações antigas, passadas.” (LOPEZ, 1992, p. 167).

Diria que as crônicas de Hatoum são assim, pois tem relação com a memória e com a ficção, crônicas inventadas. Como ele mesmo diz a respeito da crônica que dá nome ao livro *Um solitário à espreita* e que podemos considerá-la para as demais crônicas:

“É um pouco verdade. Mas só um pouco. Porque a verdade da literatura está no texto. Em qualquer texto ficcional a verdade é aquilo que poderia ter acontecido e não exatamente o que foi. Ando muito por São Paulo e por onde vou eu observo muito. Vamos dizer que essa crônica reflete um pouco dessas observações. Os diálogos são consequências de coisas que ouvi aqui e ali e que juntei e dei uma forma pessoal e literária. A crônica não é estritamente verdadeira no sentido de que não aconteceu exatamente assim. Aconteceu assim na minha cabeça.

Mas o leitor tem que se deixar levar por isso. Esse é o pacto entre o leitor e o texto falado por Umberto Eco. Se você não acreditar naquilo e naquele momento, então, não vale.” (CULT, 2013).

Apesar de a crônica ser algo efêmero e para o imediato da realidade, ela não é nada fácil para quem a escreve, requer trabalho para saber encaixar a palavra certa, de modo que facilite a compreensão de quem a aprecia. Para Hatoum não é diferente, segundo ele:

[...] eu roí uma pupunha para escrever. Passei meses reescrevendo as crônicas e depois fiz a seleção. Deu um trabalho do cão. As pessoas dizem que a crônica é um texto simples, mas não é. Essa leveza é uma leveza que passa pelo crivo da linguagem. Não dá para escrever uma crônica cifrada, hermética, difícil. (CULT, 2013).

Em *O nascimento da crônica* de Machado de Assis, logo no primeiro parágrafo, Machado afirma que, existe um meio certo de se iniciar uma crônica:

“Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. [...] está começada a crônica.” (As Cem Melhores Crônicas Brasileiras, 2007, pág.27).

874

Certamente, Machado tinha razão, a crônica inicia e pode-se caracterizar como um texto trivial, partindo do óbvio e do simples, apesar de estar contida no jornal, ela não está para ser notícia e nem informar, ela tem o seu espaço para que o autor tenha a liberdade da palavra, da linguagem acessível, e esta deve vir de forma bem simples e colocá-la de forma simples para quem a escreve, essa trivialidade, não é nada fácil.

Diria que a linguagem empregada pelo cronista é que faz seu texto transformar-se em literatura. A literatura, que nos inquieta, instiga e nos faz refletir, nos leitores que também espreitamos as crônicas, seja no jornal, na internet e livros, no caso das de Hatoum, estão numa linguagem híbrida: meio crônica, meio conto, meio lembranças de sua memória quando na infância e pelo mundo, tudo em uma mescla do que de melhor o autor escreveu em revistas, jornais e sítios literários nos últimos anos.

3. A Crônica como meio de interculturalidade

Diante do mundo globalizado, podemos estar interligados com o mundo, nossas culturas acabam se incluindo na do *outro* e que também estão inseridos em nossa, seja por meios de comunicação, que é o principal, fronteiras; línguas ou livros, como no caso das crônicas de Hatoum. Diante dessa globalização a cultura dos povos “evolui” de maneira que se agrega formas e valores distintos, que se mesclam, interagem de forma pacífica e ao mesmo tempo dispersa da sua real origem por meio da curiosidade e ao mesmo tempo a necessidade de fazer parte do *outro*. Como o próprio Milton Hatoum afirma em entrevista concedida à Ainda Ramezá Hanania, em 05/11/1993:

“Para todos nós, nascidos na Amazônia, a noção de terra sem fronteiras está muito presente... Porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilíngues, às vezes políglotas (índios que falam tucano, espanhol, português...) Há um mosaico de grandes nações, de tribos dispersas; na verdade, cada vez mais dispersas...” (HATOUM, 1993)

Por meio da leitura podemos atravessar fronteiras, trazer a cultura alheia para si, uma boa leitura nos faz conhecer a maneira de viver de um povo, suas comidas, trajes, tradições, seus deuses, clima, ritmos, uma variedade de realidades que podem ou não ser absolvidas e praticadas. E assim se dá a interculturalidade, palavra que vem tomando força e despertando o interesse de compreensão, porém mais que isso, é deixá-la apropriar-se a cada ida a uma feira livre, a uma praça, a uma viagem ou simplesmente pela leitura, e a crônica é o gênero propício e um dos precursores para isso.

Nas crônicas de Hatoum, é possível ir a Países como: França, Portugal, Peru, Argentina, conhecer o Brasil de Norte ao Sul e principalmente a Amazônia – Manaus – Amazonas, desfrutar da grandeza dos rios e matas, através da escrita que acaba se tornando imagens de tão bela a maneira em que o autor a descreve, exaltando-a assim como também expressando a maneira dos povos que ali vivem.

3.1 Um Sonhador

Esta crônica foi dedicada para Sylvia Guimarães e os amigos da Expedição Vaga Lume, levam para o povo ribeirinho da Amazônia, especialmente para as crianças, a leitura.

“A Amazônia é nossa origem, onde começamos a construir nossas pontes.

Mais que ensinar, mais que aprender, a nossa história é a troca. No início, esta troca aconteceu por meio das bibliotecas e dos mediadores de leitura que foram formados. Com o tempo, a Vaga Lume intensificou seu intercâmbio com as comunidades, criando novas iniciativas e ampliando o alcance de suas ações. Contar histórias...Coletar histórias...Registrar histórias... Criar histórias... É a forma da Vaga Lume atuar no mundo. A literatura, as expedições, os encontros de formação e o intercâmbio cultural são as ferramentas

que a Vaga Lume utiliza para promover a expansão da visão de mundo de crianças e adultos.”(Vaga Lume)

Nesta crônica é possível perceber que o ato de ler semeia sonhos para quem escuta e proporciona a inteiração de quem ler para com o *outro*. Vejamos um trecho:

“Do sul e da outra metade do país recebo notícias de moças que trazem palavras para nosso povoado. Há poucos anos elas chegaram com caixas de livros e começaram a contar histórias para as crianças. As moças foram embora com a promessa de que voltariam. Os mais jovens duvidaram, mas elas reapareceram que nem vaga-lumes: de surpresa, piscando na escuridão. Nos meses de seca e escassez, quando as margens se confundem com o leito do rio, os livros são lidos em voz alta. As palavras não curam, mas são trégua no desamparo, melodia na solidão. Agora as crianças sonham com as histórias que ouviram e contam sonhos com as palavras que aprendem a ler.”

876

Assim as culturas serão de certa forma, agregadas através da leitura, devido esse convívio social, tão iluminador, esperançoso e humano, em meio a floresta amazônica. Então se dá a interculturalidade, um ribeirinho abrindo seu horizonte pela leitura e moças do sudeste do Brasil aprendendo sobre o viver na Amazônia. O interculturalista Milton J. Bennett, considerado um dos mais importantes estudiosos do tema, diz a ÉPOCA que:

"No Brasil, acredito, vocês têm uma identidade nacional, mas também existem claras divisões regionais e identidades locais. Isso sem contar as identidades étnicas. No fim, os brasileiros não são nem só brasileiros nem são também só nordestinos ou sulistas; eles são tudo isso ao mesmo tempo. As identidades regionais e a nacional não se sobrepõem ou se anulam; vocês são todas essas identidades."

Vivemos em um mundo cada dia mais conectado, em que a realidade pode interagir de maneira respeitosa. Hatoum, nesta crônica representou muito bem isso, a interculturalidade pela literatura e sua crônica despertando o interesse de conhecimento do viver destes povos, aparentemente isolados, e que através deste gênero está sendo conhecido pelo mundo.

4. A Realidade x Memória

A crônica mesmo que ficcional ela parte de uma realidade, e esta, sempre vem acompanhada com um toque de crítica, humor, descontração. A maneira real vai além da realidade quando o autor a coloca no papel, puxando pela memória de quem

a escreve, de forma fantasiada ou real mesmo, e acaba ganhando a forma de acordo como a interpretamos. Na crônica *O nome de uma mulher*, por exemplo, podemos perceber claramente isto:

“Há poucos dias, em Salvador, me lembrei das viagens para Monte Santo, Cocorobó, La Paz, Lima e Machu Picchu. Na década de 1970 – e ainda hoje – muitos jovens peregrinavam pelo Brasil e pela América Latina [...] Na manhã do dia seguinte desci o rio num barco de linha e vi Iquitos como se fosse um bairro pobre de Manaus, ou um bairro que lembrava a Vila da Barca, em Belém.

Viajar cansa, quando voltava da Bahia, com a lembrança dos meus amigos de Salvador. [...] Recordei da mulher que trabalhava no restaurante do hotel [...] a pouco tempo li que catorze brasileiros foram libertados. [...] Pensei nesse capitalismo [...] pensei nessa modernidade manca. [...] pensei na canção de Caetano: o Haiti é aqui. E me lembrei do celular q eu havia esquecido.” (HATOUM, 2013, p.27;28).

877

Veja que para compor a crônica o autor recorre às lembranças, do que viu, do que leu, do que escutou tudo o faz lembrar algo. Quando aborda as viagens, o faz com lembrança de quem viaja em aventuras e experiências maduras, quando trata de política, o faz com discreta ironia, quando aborda a pobreza e miséria, ele o faz com indignação e revolta.

O seu presente, o faz remeter-se ao passado e a lugares por onde morou. Diria que isso sim é estar à espreita para compor uma crônica, lembrar, recordar, pensar, estar no presente, porém, com vistas no passado, muito bem desenhado pela memória nos seus pequenos detalhes do cotidiano. E necessário não apenas habilidade na escrita vai mais além. O olhar sensível e humano, o conhecimento de mundo, a memória, é que faz o bom entrelaço para o que se quer expressar pelas palavras registradas.

Considerações Finais

Neste trabalho, analisamos o gênero crônica como precursora da interculturalidade. Observamos como Milton Hatoum trabalha este gênero de forma interacional e com a intenção de causar no leitor uma visão de mundos, culturas e povos, por onde passou e conviveu, dando um toque especial à crônica brasileira que

não só informa, mas compartilha o *outro*. Neste sentido este gênero se tornou um determinante de inteiração cultural, primordial para o conhecimento de mundos, jeitos e maneiras distintas de viver e conviver, partilhando de um espaço geograficamente separado, porém unidos.



Referências

CÂNDIDO. **Um Escritor na Biblioteca: Milton Hatoum**. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=142>> Acesso em: 11.dez.2014.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Milton Hatoum**. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00217>> Acesso em: 12.dez.2014.

HATOUM, Milton. **Milton Hatoum**. Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/>> Acesso em: 20.set.2014.

HATOUM, Milton. **Um solitário à espreita: crônicas** / Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

HATOUM, Milton. **O arquiteto da memória**. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2013/05/milton-hatoum-o-arquiteto-da-memoria.html>> Acesso em: 15.set.2015.

RAMOS, Cristiano. **À espreita de um cronista**. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-espreita-de-um-cronista/>> Acesso em: 12. Jan.2014.

REVISTA CULT. **Um cronista a espreita**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/milton-hatoum-um-cronista-a-espreita/>> Acesso em: 19. Jan.2014.

REVISTA ÉPOCA. **Interculturalidade. Você sabe o que é?**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>> Acesso em: 15.set.2015.

SÁ, J. **A crônica**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2008.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras** / Joaquim Ferreira dos Santos, organização e introdução. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

YOUTUBE. **Livros 60: Um solitário à espreita - Milton Hatoum**. Publicado em: 30.jul.2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o2b7nFLkL_4> Acesso em: 26.mar.2015.